**O problema do mal: sua evolução na sociedade reptiliana e a abolição do homem**

07 Dezembro 2020

“O sofrimento causado pelas **condições econômicas-sociais, pobreza e miséria**, não se deve ao Criador, mas à liberdade humana. Na Bíblia, o mito do gênesis mostra que o homem, seduzido pelo mal, decide levantar-se contra a ordem instituída por Deus, querendo ele também ser Deus. Aconteceu assim com alguns faraós do Egito e imperadores de Roma. Segundo a história até 4000 anos a.C. o homem vivia em plena paz com o meio ambiente, com os outros e consigo mesmo, mas após a 'queda do homem', explode o **egoísmo humano** - o ego próprio da herança filogenética do ser humano o qual eu denomino de **ego reptiliano**; e daí criam-se as armas, os muros, as fronteiras e se eliminam as pontes” escreve **Rosendo A. Yunes**, para a coluna “[Rumo a Assis: na direção da Economia de Francisco](http://www.ihu.unisinos.br/603388-rumo-a-assis-na-direcao-da-economia-de-francisco-coluna-de-artigos-sobre-a-economia-de-francisco)”.

**Rosendo A. Yunes** é doutor em Química pela Universidade Del Litoral (1965). Atualmente é pesquisador Sênior do CNPq, foi professor em diversas universidades da Argentina e no Brasil atuou como professor visitante e coordenador da Pós-Graduação em Química da Universidade Federal de Santa Catarina e foi professor voluntário da Universidade do Vale do Itajaí. Yunes é um pensador inter-disciplinar, escreve também sobre o pensamento filosófico-teológico espanhol latino-americano, com destaque para a [Xavier Zubiri](http://www.ihuonline.unisinos.br/artigo/2951-francisco-de-aquino-junior) e [Ignacio Ellacuría](http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/604814-ellacuria-teve-excelentes-professores-rahner-em-teologia-zubiri-em-filosofia-e-oscar-romero-em-compromisso-libertador-artigo-de-juan-jose-tamayo).

A arte que ilustra esta Coluna é uma obra de **Kassio Massa**, arquiteto, urbanista e artista visual com graduação pela FAU Mackenzie, e mestrando na mesma universidade. Atua com desenho, fotografia e meios digitais.

**Eis o artigo.**

**O mistério do mal**

O [problema do mal](http://www.ihu.unisinos.br/598330) é um dos mais complexos que existe na humanidade. Longas discussões acerca deste tema tem acontecido ao longo da história sem chegar a uma conclusão universal. O **mal** afeta, direta e indiretamente, a nossa convivência e a maneira como nos relacionamos com o **meio ambiente**, com os irmãos e conosco mesmos. Várias são as interpretações dadas a este problema e todas elas buscam um suporte na **metafísica** e **teologia**.

Entre os estudiosos que se debateram sobre o assunto está o filósofo grego [Epicuro](http://www.ihu.unisinos.br/597694), de 342 a 271 anos antes de Cristo, já naquele tempo se perguntava: “[*Se Deus é bom, porque Ele não elimina o mal?*](http://www.ihu.unisinos.br/598330)*Se Ele era o criador de tudo, porque Ele criou o mal?*”. Esta abordagem foi e continua sendo a **justificativa do ateísmo** para muitas pessoas.

Durante a **Segunda Guerra Mundial**, os [campos de extermínio nazista](http://www.ihu.unisinos.br/578765) se tornaram um símbolo de angústia, o homem havia se convertido em um lobo para o próprio homem, levando ao [papa Bento XVI](http://www.ihu.unisinos.br/588395), de origem alemã, se perguntar: “Onde estava Deus naqueles dias?” e continua: “Não podemos entender o segredo de Deus, podemos apenas ver fragmentos”.

O próprio **conceito de mal** é indefinível, devido à sua dimensão incomensurável, entretanto, de forma clássica e tradicional foi definido como **mal moral, mal físico e mal social**. Esses três campos revelam o caráter pluridimensional do termo. O **mal**, sendo tão insondável, nos coloca diante de um verdadeiro mistério, que afeta a todos nós na forma de dor, agonia e desespero diante do que observamos em nossas sociedades e no mundo.

O sofrimento causado pelas **condições econômicas-sociais, pobreza e miséria**, não se deve ao Criador, mas à liberdade humana. Na Bíblia, o mito do gênesis mostra que o homem, seduzido pelo mal, decide levantar-se contra a ordem instituída por Deus, querendo ele também ser Deus. Aconteceu assim com alguns faraós do Egito e imperadores de Roma. Segundo a história até 4000 anos a.C. o homem vivia em plena paz com o meio ambiente, com os outros e consigo mesmo [1], mas após a “queda do homem” [2], explode o **egoísmo humano** - o ego próprio da herança filogenética do ser humano o qual eu denomino de **ego reptiliano**; e daí criam-se as armas, os muros, as fronteiras e se eliminam as pontes.

De acordo com o filósofo [Ignacio Ellacuría](http://www.ihu.unisinos.br/58603) [3], os clássicos do **cristianismo** falavam do "**bem comum**" não como um bem de cada ser humano isoladamente, mas, como um ideal, uma necessidade de assumir um comportamento humano. O **pensamento dialético**, revela uma tensão entre o ideal (o bem comum) e a realidade (o mal comum) mostrando que o mal se torna necessário para a atualização do bem. Para **Ellacuría**, o mal é um **mal histórico** do corpo social, por meio do qual se atualiza para acomodar perversamente a vida de indivíduos e grupos humanos, parafraseando o autor:

“*O****mal****não é meramente uma possibilidade, mas, algo que apodera da minha própria vida, na medida que pertence a um determinado momento histórico: há uma maldade histórica [...] que está aí como algo objetivo e pode configurar a vida. O****mal****não é uma propriedade da realidade, mas, uma condição da realidade para o ser humano, o mal e o bem, apenas diz respeito ao ser humano. A realidade nua e crua não é boa nem má. Todo o****bem****e todo mal é bom ou mau para alguém. Mas eles não são relativos, eles são ruins e bons em relação a alguém. Não se trata de relatividade, mas de “respectividade” (respeito de)*”.

**Ellacuría** [4]escreve sobre a situação atual da [civilização capitalista](http://www.ihu.unisinos.br/10728%22%20%5Ct%20%22_blank):

*“O que é evidente é que não partimos de uma situação neutra, mas sim de uma situação fundamentalmente desumanizante do homem. A presença do mal no mundo é tão massiva e de tal implicação na vida pessoal dos homens que, abstração feita de culpabilidade, a verdade não pode se negar a realidade objetiva do mal e a presença da vontade histórica do homem na realização desse mal*” .

Para **Ellacuria**, uma minoria de países que abrigam uma pequena parte da população mundial explora os recursos da humanidade (petróleo e matérias-primas, alimentos, cultura, poder militar, capital, ... ) e poluem o meio ambiente de forma massiva, enquanto a maioria dos países e a maioria da população mundial não consegue usufruir desses recursos, mesmo minimamente.

Estas palavras vêm ao encontro da carta [Encíclica Fratelli Tutti](http://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20201003_enciclica-fratelli-tutti.html) (2020) [5] [6], um **documento de análise social, político, econômico e cultural de nível internacional**, escrito em primeira pessoa pelo **Papa Francisco** a partir de suas convicções cristãs que o encorajam e o alimentam. Neste mundo tão confuso e de tantas incertezas, a encíclica tem muitas implicações que nos permite desde uma perspectiva diferente contribuir para uma nova visão.

O [atual sistema econômico que mata, descarta e adoece o ser humano](http://www.ihu.unisinos.br/544477%22%20%5Ct%20%22_blank) nos leva a uma paz efêmera e onde uma minoria de pessoas são felizes enquanto a uma maioria padece de fome e não consegue sair da miséria. Dominada pelos **meios de comunicação massivos e monopólicos**, se fundamentam em uma antropologia aberrante: o “[*homo economicus* ao serviço do mercado, da oferta e a demanda](http://www.ihu.unisinos.br/598157)”. Vale lembrar que todos os **regimes totalitários** se fundamentaram em antropologias aberrantes: o comunismo no materialismo coletivista, o nazismo na raça germânica superior, na **América Latina** em nome do homem “**ocidental e cristão**” e da “**segurança nacional**”, que deveria eliminar o **enganador ídolo comunista**. Esta antropologia aberrante se conserva na mente de muitos militares e civis de nosso continente. Necessitamos de uma nova antropologia.

**Evolução do mal na “Sociedade Reptiliana”**

Penso que a sociedade atual seja uma sociedade “**Reptiliana**”, que, a meu ver, engloba as diversas denominações do **sistema sócio-econômico ”neoliberal”** atual como: a [“sociedade líquida” de **Zygmunt Bauman**](http://www.ihu.unisinos.br/585891), a [“sociedade do risco” de **Ulrich Beck**](http://www.ihuonline.unisinos.br/media/pdf/IHUOnlineEdicao181.pdf), a [“sociedade do cansaço” de **Byung-Chul Han**](http://www.ihu.unisinos.br/578000) e a [“sociedade da transparência” de **Gianni Vattimo**](http://www.ihu.unisinos.br/599418).

[Karl Polanyi](http://www.ihu.unisinos.br/589403) (1886-1964) em seu livro "**A Grande Transformação**" [7], usa pela primeira vez, uma visão da antropologia para tentar compreender a **evolução do sistema sócio-econômico do século XIX**. Enquanto muitos ecônomos se concentram na produtividade e distribuição da riqueza dos diferentes sistemas, **Polanyi** explica como estes afetam a “dignidade humana” [8].

Segundo **Polanyi**, a **economia** não pode ser estudada como uma ciência exata à margem do contexto social e político, pois ela está inserida no tecido das relações sociais e políticas institucionais. Devemos tentar compreender qual era a **relação entre o mercado e a sociedade do século XIX** para assim compreendê-la no século XXI. O **mercado**, entendido como o mecanismo de oferta-demanda-preço, que segundo os ecônomos, se regulariza automaticamente, de forma determinista.

Embora a [economia de livre mercado](http://www.ihu.unisinos.br/593784%22%20%5Ct%20%22_blank) ao nível internacional tenha favorecido o crescimento econômico e o desenvolvimento em muitos países, não se pode ignorar o poder excessivo que os **mercados financeiros** e as grandes multinacionais sempre tiveram sobre nossas vidas privadas e sobre a gerenciamento de recursos públicos. Os atuais protestos contra a **desigualdade crescente**, os [paraísos fiscais](http://www.ihu.unisinos.br/589653) ou os **excessos do setor financeiro nas últimas crises econômicas** nos levam a constatar que o pensamento de **Polanyi** fala diretamente ao nosso presente.

**Polanyi**, explica a famosa “**paz dos 100 anos**”, entre o fim das **guerras napoleônicas** (1815) e o início da **Primeira Guerra Mundial** (1914), como resultante do mundo ocidental, ter os **grandes poderes financeiros** - banqueiros e comerciantes internacionais, pressionando os Estados das nações a promover a paz que lhes permitisse continuar fazendo grandes negócios sem muitos problemas.

O sistema da época baseava-se em três pilares: a **economia de mercado nacional**, o **livre comércio internacional** e o estabelecimento do **lastro em ouro**. Todos eles favoreceram o industrialismo e o surgimento de fortunas que, por um lado, proporcionaram à sociedade um **bem-estar** nunca visto antes e, por outro, pressionaram os Estados a contrair altos débitos vinculados à manutenção do lastro em ouro. Mas, foram esses três pilares e suas tensões que levaram o sistema ao colapso: a necessidade de matérias-primas aumentou a beligerância internacional, a necessidade de favorecer a agricultura e a indústria nacional questionaram o **livre comércio internacional**, a **inflação** e as **flutuações do câmbio de mercado**, tornou insustentável para muitos países manter o lastro em ouro.

Ainda sobre o conceito da antropologia aberrante, **Polanyi** observa que nas sociedades pré-industriais a economia se organizava partindo de conceitos como reciprocidade, redistribuição ou administração doméstica e o mercado ficava em segundo plano. O autor, no seu livro: “**Fábrica do diabo**”, mostra seu conceito sobre a [revolução industrial](http://www.ihu.unisinos.br/603353%22%20%5Ct%20%22_blank), o qual considera um engenho diabólico.

Assim, na **Inglaterra**, onde a **industrialização** começou com grande força, os salários pagos aos trabalhadores que vendiam sua mão-de-obra eram deploráveis, mas estes não tinham outra saída que não seja sobreviver. A **fome** causada pela **inflação** na cidade de Berkshire levou aos juízes e funcionários da ordem do distrito se reuniram em **Speenhamland** que decidiram não fixar um salário mínimo justo para os trabalhadores e sim criar um **subsídio para os pobres**. Subsídio mínimo, proporcional ao preço do pão, servia como complemento dos salários desses trabalhadores, cuja renda era insuficiente para cobrir suas necessidades básicas de alimentação e moradia.

O objetivo era criar uma proteção social, mas não foi o que aconteceu, uma vez que, ironicamente, os primeiros beneficiários foram os proprietários das terras que passaram a pagar salários menores aos seus funcionários, tendo em vista o acréscimo previsto pelo subsídio. Os **trabalhadores** sentiram-se, com razão, diminuídos e assim reduziram sua produtividade. Então foi criada a [Lei dos Pobres](http://www.ihu.unisinos.br/574822%22%20%5Ct%20%22_blank) de 1834, que tornava obrigatório o trabalho. Para obter auxílio, era necessário trabalhar por um salário inferior ao praticado no **mercado livre de trabalho**. Essa situação levou os trabalhadores a se rebelarem contra o sistema.

Ao contrário do que se acredita por falsas ideias, **Polanyi** conclui que o [liberalismo *laissez-faire*](http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/600994-a-genealogia-do-liberalismo) [9] não é natural e sim projetado por ecônomos ingleses, instituído pelo poder do Estado, com base na famosa ideia de que o mercado livre se auto-regula. Para o liberalismo, o ser humano e sua tendência natural para a troca e ganância, é o ***homo economicus*** [10], e por tanto, o **mercado**, o novo Deus, seria a forma natural de equacionar todas as facetas da organização da sociedade.

A fase decisiva foi quando a **terra**, o **trabalho** e a **moeda** tornaram-se mercadorias e passaram a ser tratados como criados pelo homem para a venda. Porém, estes bens não foram produzidos para venda como a terra e a moeda, nem poderiam estar à venda, como o trabalho humano. A terra e seus recursos antecedem ao homem e sua economia, são um presente de Deus e os seres humanos não criam seus filhos com o fim de proverem mão-de-obra para o mercado de trabalho. O ser humano não é um “recurso”, é “pessoa” Diante dessa observação **Polanyi**, escreve: “Isolar a terra da natureza e criar um mercado para ela é uma das coisas mais estranhas que os nossos antepassados fizeram”.

A **ficção mercantilista** colocou o destino do homem e da natureza nas mãos de um autômata, determinista, que controlava os circuitos e governava de acordo com suas próprias leis. Esse instrumento era controlado exclusivamente pela fome e pelo **apetite por lucro**. Assim, os despossuídos, para satisfazerem sua necessidade de alimento, deviam vender seu trabalho no mercado, enquanto os proprietários compravam seus produtos, entre eles a mão-de-obra, por um preço menor e o vendiam a preços mais altos para obter o máximo lucro. Esse **modelo de sistema socioeconômico** não pode existir sem aniquilar a substância humana e natural da sociedade, coisa evidente diante do atual cenário de **destruição física do homem**, na grande população de marginados, e da natureza.

Antes do surgimento do capitalismo industrial liberal, os mercados não passavam de acessórios para a vida econômica. O capitalismo industrial nasceu como algo diferente e foi subordinando tudo ao mercado e à economia, tudo passou a ser comercializado: terra, trabalho, moeda, como também a cultura e até mesmo a religião, como é possível se observar em algumas seitas neopentecostais.

Após a **Primeira Guerra Mundial**, os **conflitos sociais** aumentaram devido às altas necessidades financeiras para manter as regras do lastro em ouro, que não podiam ser administradas por processos democráticos e isso promoveu regimes totalitários como o comunismo, e logo o [nazismo](http://www.ihu.unisinos.br/587990), e o [fascismo](http://www.ihu.unisinos.br/575269). Os **impulsos do capitalismo de mercado** em direção à expansão infinita foram vistos em contradição com aqueles do povo para viver em uma relação social compreensível. A ambição de todos os regimes, por **razões geopolíticas**, levou à **Segunda Guerra Mundial**.

No final da **Segunda Guerra Mundial**, foram criadas algumas instituições internacionais para a promoção dos direitos humanos, entre elas, a **Organização das Nações Unidas (ONU)**. Foi decidido que a economia de mercado deveria ter por finalidade a geração de empregos e segurança social para todos. O **controle social** sobre a **economia** foi restaurado. A ordem financeira internacional de [Bretton Woods](http://www.ihu.unisinos.br/555480) deu espaço ao poder político dos países buscando implementar o pleno emprego e a segurança social, como saúde, aposentadoria, moradia, entre outras. Os países em desenvolvimento foram capazes de se industrializar substituindo as importações e planos econômicos de longo prazo.

**Polanyi**, porém, suspeitava que esse enfraquecimento do mercado poderia colocar em jogo o contra-ataque do **Capital** visando se libertar de todos os planos econômicos, de toda segurança social e de outras demandas sociais. De fato, isso vem acontecendo desde 1970 até os dias atuais. Com a **liberalização do comércio** e do capital ao nível global, das últimas décadas do século XX, o [capital financeiro](http://www.ihu.unisinos.br/579037) passa então a governar os mercados.

Somado-se tudo isso ao poder das corporações transnacionais e aos veículos de informação de massa, vê-se hoje como a **lógica do mercado** mina e corrompe os processos políticos democráticos, de forma mais grotesca nos países dependentes das potências imperiais, especialmente dos **Estados Unidos**, considerada a primeira potência mundial embora esteja ameaçada pelo [crescimento surpreendente da China](http://www.ihu.unisinos.br/588074%22%20%5Ct%20%22_blank). A não equidade e a desigualdade social atinge níveis verdadeiramente dramáticos. A exploração perversa dos recursos naturais, a emissão de dióxido de carbono produzido por usinas, automóveis, entre outros, levaram a mudanças climáticas irreversíveis e à possibilidade cada vez mais evidente de uma **futura guerra nuclear**, abrindo perspectivas apocalípticas para o presente, em dias de **angústia e pandemia de covid-19** que fez [colapsar a economia mundial](http://www.ihu.unisinos.br/597557).

**A abolição do homem**

[Clive Staples Lewis](http://www.ihu.unisinos.br/588806) (1898-1963) [11], um dos intelectuais mais importantes da **Inglaterra** do século XX, publicou em 1943 um livro intitulado: “**A abolição do homem**”, que de certa forma, acabou sendo um tanto profético com relação ao século XXI. O autor postula que toda civilização provém de um único centro e daí a importância de basear todos os julgamentos que se fazem no que ele chama de **Tao**, ou seja, naquilo que historicamente e em diferentes tradições morais tem sido considerado “bom e verdadeiro”, tendo em vista a objetividade, o que é verdadeiro e falso, em relação ao universo e ao que somos.

A ordem natural inspira a razão com respeito ao nosso comportamento. Nenhuma emoção ou sentimento tem lógica intrínseca, mas podem ser razoáveis ou não, dependendo do motivo. Emoções e sentimentos devem ser adaptados à razão. Nesse sentido, **Aristóteles** afirma que o propósito da educação é garantir que o estudante tenha preferências pelo apropriado, sendo dever do educador ajudar este aluno a eliminar sentimentos falsos e criar o hábito com **sentimentos justos**. Essa agradável sensação que o homem tem ao exercer o poder sobre si mesmo, e de auto-domínio, pode também resultar do poder que "alguns homens" têm sobre "outros homens" e aqui reside o problema.

A **educação** e a **cultura**, ao longo da história da humanidade, buscaram exercer esse poder. A geração atual, exerce um poder sobre os homens das gerações futuras, um poder que, ao invés de torná-los mais fortes, os enfraquece e os afasta da lei natural, do **Tao**, deixando-os indefesos contra os grandes manipuladores. De acordo com **C.S. Lewis**, os homens que planejam e manipulam contam com o poder do Estado onicompetente e de uma alta tecnologia científica, com a qual podem moldar os homens como almejam.

Para **C.S. Lewis**, o empreendimento mais sério no campo do mágico e do científico surgiram do mesmo impulso nos séculos XVI e XVII. Porém, há algo que separa a **magia** e a **ciência aplicada**, da "sabedoria" de outros tempos. Para os sábios da antiguidade, o principal problema era como conformar a alma à realidade e a solução era o conhecimento, a autodisciplina e a virtude.

O problema com a magia ou ciência aplicada é tentar fazer com que a realidade se adapte aos desejos do homem, tendo como instrumento a técnica ao ponto de fazer coisas que antes eram tidas como indecentes ou ímpias, por exemplo, construir uma bomba atômica, cujo **poder destrutivo** permite ao homem exercer um domínio sobre bilhões de outros homens. Dessa forma, todo poder conquistado pelo homem é também um poder sobre o homem.

Os homens que “planejam e manipulam”, são aqueles que desejam dar à **humanidade** a forma que bem entendem, que desejam controlar os valores e planejar como formar as consciências. Como consequência e paradoxalmente, não haverá homens infelizes, pois não serão homens e sim zumbis, dessa forma a última conquista do homem será a **abolição do homem**”!

**Considerações Finais**

O [mal comum](http://www.ihu.unisinos.br/575647), observado por **Ellacuria**, leva na atualidade à “abolição**do homem**”, que segundo **São Paulo** é o templo de Deus. Desse modo, a abolição do homem significa a abolição de Deus - da verdade mais importante. A única forma de sair desta **caverna obscura** (Platônica) na qual fomos sometidos, é observando e seguindo a luz que nos brinda a carta Encíclica do Papa Francisco: **Fratelli Tutti** (2020) que representa um chamado de Cristo para nossos tempos.

**Notas**

[1] YUNES, R.A. *Pecado original*: uma nova visão histórico-evolutiva. Sintropy 2017, n ° 1,43-56

[2]TAYLOR S. *A queda*. 2ed, Ed La Llave, DH Espanha. 2010.

[3] ELLACURIA, I. *Filosofia da realidade histórica*. Editores UCA, San Salvador, 1989, Ignácio foi reitor da Universidade Católica de El Salvador, na América Central, martirizado por sua fé e vida cristã.

[4] ELLACURIA, L. *Ética Fundamental*, Ed:“ Cursos Universitários - UCA”, San Salvador, 2009

[5] PAPA FRANCISCO. *Carta Encíclica Fratelli Tutti*: Sobre a fraternidade e a amizade social. Ed. Paulus, Brasil, 2020.
[6] **Fratelli tutti** eram as palavras de São Francisco de Assis quando se dirigia a seus irmãos e irmãs para lhes propor uma forma de vida com o sabor do Evangelho. Ele os convidava a um amor que ultrapassa as barreiras da geografia e do espaço; e assim declarava: feliz quem ama o outro, “o seu irmão, tanto quando está longe, como quando está junto de si”. Uma fraternidade aberta, que permite reconhecer, valorizar e amar todas as pessoas sem distinção.

[7] POLANYI, K. *A Grande Transformação*. Crítica do Liberalismo Econômico" Ed: Barcelona, 2007

[8] CASANOVAS, G. *Bens fictícios. Recuperando Polanyi para o século XXI*. Ed: Cristianisme i Justicia, Barcelona, 2019

[9] Expressão em francês que simboliza o liberalismo econômico na versão mais pura de capitalismo, de que o mercado deve funcionar livremente, sem interferência, sem taxas nem subsídios, apenas com regulamentos suficientes para proteger os direitos de propriedade.

[10] Conceito da ciência econômica que se refere ao homem econômico racional, ou seja, o indivíduo que toma todas suas decisões com base na racionalidade. Definido como alguém que evita trabalho desnecessário, ele consegue sempre maximizar sua riqueza.

[11] LEWIS, C.S. A abolição do homem. Ed. Encuentro, Espanha, 2007

<http://www.ihu.unisinos.br/605303-o-problema-do-mal-sua-evolucao-na-sociedade-reptiliana-e-a-abolicao-do-homem>